



Universiteit
Leiden
The Netherlands

Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo

Rompay-Bartels, I.M.M. van

Citation

Rompay-Bartels, I. M. M. van. (2015, February 26). *Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo*. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/32077>

Version: Corrected Publisher's Version

License: [Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/32077>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

Cover Page



Universiteit Leiden



The handle <http://hdl.handle.net/1887/32077> holds various files of this Leiden University dissertation.

Author: Van Rompay-Bartels, Ingrid Monique Maria

Title: Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo: Famílias nipo-brasileiras e as experiências de vida entre o Brasil e o Japão

Issue Date: 2015-02-26

Introdução

Na literatura acadêmica encontra-se um amplo e antigo interesse dos estudiosos da imigração pela dispersão de diferentes grupos étnicos no mundo, que sob diferentes formas de pressão, religiosa, política e/ou econômico-social, tiveram que abandonar os seus territórios de origem. Constata-se, no entanto, que ainda são relativamente poucos e recentes os estudos que se referem, especificamente, ao movimento inverso dessas migrações. Mesmo que se compreenda que, em 1885, Ravenstein já tenha descrito no seu artigo “Laws of Migration” (1885: 199) o princípio do que se interpreta hoje como a migração de retorno, ao afirmar que toda corrente migratória engendra uma contra corrente (Gmelch, 1980: 135), foi só a partir da década de 1980 que esse movimento migratório passa a chamar atenção dos acadêmicos (Cassarino, 2004: 254). Durante muito tempo, esse movimento inverso dos emigrantes para os seus países de origem foi ignorado, ou tratado como um mito dentro dos estudos acadêmicos (Markowitz e Stefansson, 2004: 5), principalmente nas pesquisas que desafiam o conceito convencional do termo retorno, por explorarem o movimento inverso das migrações posteriores desses grupos étnicos (Stefansson, 2004; Conway e Potter, 2009; Tsuda, 2003c, 2009; Conway, Potter e Phillips, 2005).

Ao todo, configura-se na literatura acadêmica dois eixos norteadores para descrever o fenômeno da migração de retorno. O primeiro se limita apenas ao retorno dos emigrantes da primeira geração que retornam para os seus países de origem. O segundo que inclui no “retorno” os descendentes da segunda e terceira geração de grupos étnicos, que realizam o movimento migratório inverso dos seus ancestrais. É esse segundo eixo que está no centro do debate desta pesquisa, pelo fato de desafiar o princípio do paradigma dicotômico de emigração e imigração (Stefansson, 2004: 6-7), e por se tratar da migração inversa, que envolve os descendentes da diáspora japonesa do além-mar, que “retornam”¹ para o país de que são etnicamente provenientes.

Dentro desse contexto de “retorno” dois outros conceitos merecem destaque: o da identidade e o do transnacionalismo. Isto porque o “retorno” possui uma conotação nova, que desafia a percepção antiga desse fenômeno e dos migrantes envolvidos. Neste sentido, como é que a identidade e o transnacionalismo tomam forma dentro da migração de “retorno”? Essas questões fazem parte dos debates acadêmicos e das políticas das instituições governamentais

¹ O termo “retorno” é escrito dentro da abordagem dessa pesquisa entre aspas ao se referir aos descendentes dos emigrantes que fazem parte do movimento inverso dos seus antepassados.

no mundo inteiro, por se tratar de um fenômeno migratório que tem como perspectiva o “retorno” de migrantes, que em muitos casos, nunca puseram antes os pés no país dos seus antepassados.

Pois é, aqui a gente sempre comenta...no Brasil a gente é japonês e aqui a gente é *gaijin* (estrangeiro). Só na hora né, a gente se toca e pensa, mas não é de ficar assim com problemas...eu sou brasileira...mas tem coisas, que a gente também tem assim de japonês. (Ema).²

Esse trecho da entrevista de Ema ilustra a natureza das indagações e do impacto do “retorno” nos migrantes de segunda ou terceira geração, que fazem parte do movimento migratório inverso aos dos seus antepassados. Nessa perspectiva a identidade passa a ser um conceito em questão, principalmente, por se tratar de gerações de descendentes de migrantes que fizeram parte de uma diáspora no passado, e que mesmo após várias gerações são caracterizadas por manterem em suas identidades elementos vinculados a essa herança (Bruneau, 2010: 37). São exatamente essas identidades, que refletem o impacto de não terem sido compostas por um contexto histórico e cultural único. É por isso que na literatura acadêmica encontra-se também o termo “retorno étnico” (Tsuda, 2003c). Étnico é utilizado nesse contexto por se ter como pressuposto básico que esse grupo de migrantes, apesar de terem nascido e crescido em um outro país, possuem afinidade com o idioma, a cultura e os nativos do país dos seus antepassados. Neste estudo, trata-se da migração de “retorno” dos descendentes de japoneses (*issei*)³ nascidos no exterior, denominados em japonês como *nikkeijin*.⁴ Essa migração entra oficialmente em vigor no dia 1º de junho de 1990 com a Reforma da Lei de Imigração, “Lei de Controle de Imigração e Reconhecimento de Refugiados” (Sellek, 2001: 9; Ninomiya, 2002: 250).⁵ A ênfase nesse tipo de movimento migratório visa exatamente os vínculos sanguíneos e culturais existentes nas identidades dos japoneses e dos seus descendentes que vivem no além-mar.

² Todos os nomes nesse trabalho são pseudônimos.

³ *Issei*, termo utilizado para denominar japoneses da primeira geração que emigraram para as Américas. *Nisei*, segunda geração, descendentes de japoneses nascidos no exterior. *Sansei*, terceira geração. No Brasil, em São Paulo, atualmente já se fala em denominações como *yonsei* (quarta geração) e *gosei* (quinta geração). A escrita dos termos japoneses nesse trabalho indicam a grafia na fonética do idioma japonês. Os termos em japonês exprimem ao mesmo tempo o grau singular e plural, por isso não são acrescidos de -s no final da palavra.

⁴ *Nikkeijin* significa descendente de japonês nascido no além-mar. Esse termo é utilizado dessa forma quando se aborda os descendentes de forma geral, que nasceram no exterior, onde foram criadas as comunidades japonesas com estilos único de vida (Hirabayashi, Kikumura-Yano e Hirabayashi, 2002: 19). Esse conceito inclui também os *dekasegi* (migrantes que são trabalhadores temporários). Ao se especificar esses descendentes nesse livro, utiliza-se o termo: nipo-peruano, ou nipo-brasileiro.

⁵ Compreende-se que esse fenômeno já existia desde a década de 1980 (Mori, 1992; Yoshioka, 1995).

A experiência da migração de “retorno” e a construção da identidade

Apesar da existência desses vínculos da herança étnica, observa-se, ironicamente na literatura, que esse resultado não se constata de forma geral na migração de “retorno” dos imigrantes nipo-brasileiros. Segundo os acadêmicos, as diferenças culturais associadas à cultura brasileira dos nipo-brasileiros, levaram à exclusão social e marginalização étnica desses imigrantes no Japão (Mori, 1992: 163; Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003a: 124-125; Tsuda, 2009b: 218-219), e a reação dos nipo-brasileiros de terem passado a enfatizar a identidade brasileira (Tsuda, 2009a: 234; Takenaka, 2009: 261; Roth, 2002; Linger, 2001). Ao contrário dos nipo-brasileiros no Japão, Takenaka (2009: 261) constata que a identidade dos nipo-peruanos é mais ambivalente. Isso porque a identidade nipo-peruana não é nem peruana e nem japonesa, por se enfatizar o aspecto de se ser *nikkei*, ou seja, descendente de japonês.

Se esse resultado científico for “verdadeiro” e geral, isso quer dizer, então, que a cultura brasileira é a única que compõe a identidade desses imigrantes, atuando assim como um uniforme para todos os conterrâneos desse grupo étnico? Ironicamente ou não, esse é o resultado que predomina na literatura sobre os migrantes nipo-brasileiros no Japão (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c, 2009). Sem dúvida, esse é um aspecto interessante nesses resultados, dado que se trata aqui de imigrantes descendentes da diáspora japonesa, que não possuem apenas *uma* base histórica e cultural única. Essa abordagem é amplamente explorada no quadro histórico (capítulo 2) deste estudo, onde se ilustra o paradoxo sobre a questão da identidade⁶ desses imigrantes.

Um outro aspecto que chama a atenção é que os nipo-brasileiros apresentam no Brasil e no Japão identidades diferentes (Tsuda, 2001, 2003c, 2009a: 242).⁷ No caso do Brasil a identidade “japonesa” é associada ao status econômico do poder aquisitivo dos descendentes de japoneses, sendo, portanto, visto de uma maneira positiva no país. Segundo Tsuda (2003: 67) os nipo-brasileiros expressam em determinadas situações orgulho, ao mencionarem as

⁶ Interpreto neste livro a identidade e identidade cultural como sendo a mesma, e não dois conceitos diferentes. Esse debate é apresentado na revisão do quadro teórico no capítulo 1.

⁷ Dentro desse debate Tsuda (2003c) interpreta a construção da identidade através do conceito de transnacionalismo. Segundo Tsuda (2003c), a identidade é transnacional, quando existe um sentimento positivo e forte de ligação entre duas nações, porém ele não constata esse aspecto no seu estudo com relação à identidade dos imigrantes nipo-brasileiros no Japão. Isso leva-o a concluir que a identidade transnacional é negativa para esse grupo, por serem marginalizados e excluídos no Japão como consanguíneos, levando-os a adotarem a identidade brasileira e a formar uma nova minoria étnica na sociedade japonesa (Tsuda, 2003c; Roth, 2002: 5; Weiner, 2009: xvii).

realizações sociais alcançadas por esse grupo étnico no Brasil, alegando que poucos são os que não possuem um status social de classe alta. Enquanto no Japão, os nipo-brasileiros são identificados pela cultura brasileira, diferente da japonesa, levando assim a uma conotação negativa. Isso implicaria dizer que a identidade desses nipo-brasileiros é ambivalente?

No âmbito das discussões acadêmicas, entende-se ainda que os nipo-brasileiros desenvolveram uma percepção positiva do Brasil e da identidade brasileira, e negativa do Japão e da identidade japonesa após terem feito parte da migração de “retorno” (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c), ao contrário de quando viviam no Brasil (*ibid.*).⁸ Essa percepção negativa é o resultado das expectativas dos imigrantes envolvidos no “retorno” não serem compatíveis com as experiências deles no Japão.⁹ As pesquisas mostram a rejeição dos nipo-brasileiros por serem culturalmente diferentes, e a marginalização socioeconômica por serem os trabalhadores de mão de obra não qualificada (Tsuda, 2003c; Roth, 2002: 16). Por essa razão, interpreta-se que a imagem que os nipo-brasileiros têm do Japão modifica drasticamente ao migrarem para o país dos seus antepassados (*ibid.*). Essa interpretação faz parte das indagações nesta pesquisa, na medida em que os migrantes não estão conscientes dos tipos de trabalho e de vida que iriam ter no Japão ao migrarem.

Por sua vez, Maeda (2007: 176) discorda de Tsuda (2003c), ao afirmar que os nipo-brasileiros que migram do Brasil, e permanecem no Japão, de forma geral, não possuem a formação universitária, assim como não se enquadram no quadro socioeconômico de uma classe média alta mencionada por Tsuda (2003c: 58; 2003: 67). Noutros termos, Maeda (2007: 176) explica que os nipo-brasileiros que fazem parte da classe média alta permanecem no Brasil, enquanto o outro grupo de nipo-brasileiros, que faz parte da classe baixa, tem mais oportunidade de trabalho no Japão. Desse modo, Maeda contradiz o resultado de Tsuda (2003c) que o status econômico e social desses imigrantes muda drasticamente no Japão, levando-os a terem uma percepção negativa do Japão. A seu ver a imagem que os nipo-brasileiros tinham do Japão, antes e após a migração ter ocorrido, é positiva. Assim, quem são os migrantes que fazem parte da migração de “retorno”?

Os resultados desses trabalhos levam à indagação sobre a diversidade das motivações e das características dos migrantes envolvidos nesse movimento migratório de “retorno”, uma

⁸ A percepção negativa do Brasil na época é vinculada à imagem do Brasil como país em desenvolvimento, e aos estereótipos negativos associados à identidade brasileira.

⁹ Segundo Tsuda (2003a: 151) essa é a reação ao processo de segregação pelo qual os nipo-brasileiros passam no Japão, dentro das fábricas, dormitórios, onde são separados e socialmente isolados dos japoneses, causando ou intensificando assim a marginalização étnica e a exclusão desses imigrantes.

vez que essa discussão apresenta pontos de divergência nos resultados, os quais são generalizados de acordo com a percepção desses acadêmicos no que diz respeito aos migrantes que fazem parte desse movimento migratório.

Entre as discussões acadêmicas com relação ao movimento migratório de “retorno”, uma outra dimensão que merece destaque é a do transnacionalismo. Isso porque o transnacionalismo é um fenômeno dominante dentro das pesquisas de migração internacional (Lacroix, 2009), e compreende interpretações diferentes, por inserir formas e práticas variadas.

De acordo com Glick Schiller, Basch e Szanton Blanc (1992), transnacionalismo são as atividades sociais realizadas por migrantes, as quais ultrapassam os limites das fronteiras políticas, geográficas e culturais do país de recepção. Por sua vez, Portes e De Wind (2008: 9) definem o transnacionalismo como fenômeno, que torna visível a prática do movimento pêndulo de ida e volta dos migrantes, que usufruem dos benefícios políticos e econômicos da alternativa de se poder viver das possibilidades engendradas por duas culturas e sociedades.

Para Roth (2002: 7) esse é um fenômeno que interage e atua através das suas práticas na construção do senso e identidade dos migrantes, ao constatar que na migração de “retorno”, os nipo-brasileiros não apenas passam a se identificar de uma maneira mais forte com o Brasil, mas também a enfatizar os vínculos e as práticas transnacionais associadas a esse país (Roth, 2002: 5; Linger, 2001; Tsuda, 1996, 2003c), mesmo que passem a se enraizar na terra dos seus ancestrais. Indo além, Roth acrescenta que não se pode subestimar a importância dos vínculos transnacionais imateriais, os quais se verificam nas relações sociais e nas identificações transnacionais dessa minoria étnica, que não se restringem apenas ao Brasil, mas também às comunidades locais constituídas sobretudo por essa minoria étnica no Japão (Roth, 2002: 5-8), como é o caso das áreas mais industrializadas no Japão, onde se concentram esses enclaves étnicos.¹⁰

¹⁰ Segundo os dados do Ministério da Justiça em 2002 utilizados para essa pesquisa que foi iniciada em 2003, a população nipo-brasileira nas províncias japonesas, era a seguinte: Aichi, 54,081, Shizuoka 41,039, Nagano, 17,537, Mie, 17,012, Gunma, 15,636, Gifu, 15,138, Kanagawa, 13,794, Saitama, 13,794, Ibaraki, 10,950. Segundo os registros as três maiores áreas de concentração de nipo-brasileiros são as províncias de Aichi, Kanagawa e Gunma.

Figura 1: Mapa das maiores cidades do Japão



Fonte: www. tokyo-top-guide.com

Chama-se a atenção, aqui, para o fato de as pesquisas de campo conduzidas de forma intensiva no Japão se restringirem, especificamente, a esses tipos de contextos (Yamashita, 2001; Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c).¹¹

Os resultados e as contribuições dessas pesquisas são especificamente das áreas “abrasileiradas” no Japão (Yamashita, 2001; Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c), por exemplo, as cidades de Ōizumi¹² e Hamamatsu, também conhecidas como “*Little Brazil*”. Isso implica dizer que, ainda que esses imigrantes se encontrem no Japão, eles conseguem manter facilmente os costumes culturais associados à identidade brasileira, mesmo que vivam fora do Brasil. Áreas como essas contribuem para criarem um contexto transnacional, no qual os nipo-brasileiros não se sentem como se estivessem vivendo em um país estrangeiro.

since much of their daily interaction takes place among compatriots often in familiar settings reminiscent of Brazil, which enables them to maintain their former lifestyle to a certain extent. In this manner, these immigrant communities have literally become a “home away from homeland. (Tsuda, 2003a: 153-154).

Como o foco do transnacionalismo situa-se no fato de incorporar as dimensões das fortes relações que os migrantes mantêm com o país de origem, mesmo que morem em um outro país (Rivera-Salgado, 2000: 136-137), torna-se imprescindível a necessidade da análise dessa dimensão nesta pesquisa. Parto da interpretação nesse trabalho que transnacionalismo são os vínculos materiais e imateriais que os migrantes possuem e mantêm, além das fronteiras do país de emissão. Esses aspectos são abordados nos capítulos 4 e 5 deste livro nas análises dos estudos de casos.

A indagação é se tais generalizações sobre os migrantes se aplicam fora dos enclaves étnicos. Apesar da extensiva literatura nesta área, nota-se aqui uma lacuna nos resultados

¹¹ Conforme as pesquisas que foram conduzidas de forma intensiva com fontes primárias no Japão: a do antropólogo Linger (2001) que pesquisou o fenômeno do “retorno” em Homi Danchi em Toyota na província de Aichi (Linger, 2001); a do antropólogo Roth (2002) que escolheu como área geográfica a cidade de Hamamatsu na província de Shizuoka; a do antropólogo Tsuda (2003c) que desenvolve o seu trabalho de pesquisa nas cidades de Ōizumi e Ōta em Gunma e Kawasaki em Kanagawa (2003: 14) e por último Maeda (2007) que desenvolve a sua pesquisa nas áreas de Aikawa e Atsugi em Kanagawa. Restringi a essas análises empíricas por serem os acadêmicos proeminentes na literatura da migração de “retorno”, com relação à identidade cultural e o transnacionalismo. Entende-se que muitas outras pesquisas foram realizadas no Japão, porém, esses acadêmicos descrevem e estudam a migração de “retorno” (Linger, 2001, Roth, 2002) étnico (Tsuda, 2003c, 2009) dos nipo-brasileiros para o Japão assim como o impacto da experiência migratória na percepção e construção da identidade e do transnacionalismo na terra dos seus antepassados, o que faz parte dos objetivos dos estudos de casos da minha pesquisa.

¹² Em Ōizumi na província de Gunma mais de 14% da população da cidade é nipo-brasileira (Maeda, 2007:20). Outros acadêmicos descrevem essa cidade como sendo um centro nacional e cultural para os imigrantes nipo-brasileiros no país. (Douglass e Roberts, 2003: 12).

dessas pesquisas. Qual é então a relação da migração de “retorno”, com a identidade e o transnacionalismo na vida cotidiana das famílias de primeira e segunda geração de imigrantes, que vivem fora dessas áreas étnicas no Japão? Como é que essas dimensões tomam forma dentro desse debate? Tem-se um resultado que está em convergência ou divergência com os resultados apresentados por Linger, (2001); Roth, (2002); Tsuda (2003 c, 2009) e Maeda (2007)? De qualquer forma, esses trabalhos acadêmicos citados são importantes indicadores no trabalho de investigação desta pesquisa.

A segunda geração de imigrantes

Sem dúvida, a natureza das indagações acima mencionadas inclui o quadro da segunda geração de imigrantes, visto que, assim como os seus pais, essa segunda geração também não possui uma base étnica e cultural única.

Constata-se na literatura que a natureza dessas questões torna-se sobretudo visível, quando se busca investigar as experiências da segunda geração através do ensino. Nesse contexto, entende-se que no Japão as opções de ensino para os imigrantes nipo-brasileiros parecem se restringir a três categorias: as escolas públicas japonesas, as escolas privadas brasileiras, ou, *nem uma e nem outra*. Essa última categoria reflete o problema da deserção da segunda geração de imigrantes, que abandonam o ensino japonês ou brasileiro (Yamanaka, 2006:101). Apesar do ensino no Japão ser obrigatório dos seis até os quinze anos de idade (Ninomiya, 2002: 251), esse não é o caso para os filhos dos imigrantes (Tsuneyoshi, 2010: 139, Yamanaka, 2006: 101-102).

De acordo com os dados, os filhos dos imigrantes, que entraram no ensino japonês desde o início apresentam uma assimilação rápida, tanto da cultura quanto da língua japonesa (Ninomiya, 2002: 253), levando-os a se distanciarem dos elementos culturais da identidade brasileira (Tsuda, 2009b: 222). Esses são muitas vezes os casos da segunda geração de imigrantes, que mostram problemas de relação e comunicação com os pais (Linger, 2001: 313; Tsuda, 2009b: 223; Tsuda, 2003c: 273). Em contraste, muitos imigrantes da segunda geração que não entraram desde o início no ensino japonês, não dominam nem propriamente o idioma, nem a cultura japonesa (Ninomiya, 2002: 253). Essa é a segunda geração que se depara num cenário pessimista, caracterizado pela falta de perspectiva de futuro (Linger, 2001: 67-68 e 134-135).

Contudo, as dificuldades no ensino japonês não se restringem apenas à segunda geração dos imigrantes. Mesmo os filhos de japoneses expatriados, conhecidos como “*returning children*”, apresentam problemas de alienação, quando retornam para o Japão, após a experiência no exterior (Yamanaka, 2006:103; Ninomiya, 2002: 253). Apesar dos esforços dos pais em tentar manter no exterior a educação japonesa, há evidências de que os filhos sentem bastante dificuldade no processo de readaptação e integração no Japão (Yamanaka, 2006:103). Essas evidências mostram a resistência da sociedade japonesa em lidar com expatriados, mesmo que sejam japoneses.

De qualquer forma, o considerável aumento do número de imigrantes no ensino japonês proporciona uma situação que desafia o parâmetro do sistema educacional japonês, caracterizado por ser um cenário homogêneo, ou aparentemente homogêneo (Maeda, 2007: 35). Isso porque os *Zainichi Kankokujin* (coreanos da segunda e terceira geração), que são um dos maiores grupos de imigrantes no Japão, omitem a sua identidade ou mesmo modificam os seus nomes, para que possam se proteger da discriminação no ensino, criando assim, simultaneamente, um cenário de aparência homogênea no país (Maeda, 2007: 35).

Esses resultados no sistema educacional japonês chamam obviamente a atenção por exporem um cenário complexo e pessimista (Linger, 2001). Sem dúvida, um cenário complicado, dado que envolve também as motivações e presunções da primeira geração de imigrantes perante o futuro dos seus descendentes, dentro de um contexto que inclui opções, que não se limitam nessa forma de migração de “retorno” a uma base étnica e cultural única. Tais resultados e indagações mostram que ainda existem lacunas nas informações, sobretudo sobre as motivações, experiências e obstáculos da segunda geração de imigrantes, dentro e fora do contexto familiar. Por esse propósito foram inseridas nesse trabalho as vozes das duas gerações de imigrantes para ilustrar como elas estão vinculadas entre si, e como ambas lidam com essas questões cotidianas dentro da estrutura familiar. O entendimento dessas motivações agregadas à migração e o processo no “retorno” dá-se através das narrativas das famílias, como essas famílias se constroem e vivem, culturalmente, em suas unidades no Japão, na busca do sonho de uma vida melhor, uma vez que a família é a unidade básica, social e emocional mais importante na vida do ser humano (Suarez-Orozco, 2002: 81).

Ao contrário das outras pesquisas (Linger, 2001; Yamashita, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c; 2009; Maeda, 2007), opta-se aqui pela cidade interiorana de Kandatsu e arredores na província de Ibaraki, a qual não se caracteriza pela sua brasilidade no Japão. Ora, o que é que

acontece quando se investiga a vida dos imigrantes numa área de tamanho pequeno ou médio no interior do Japão, onde prevalece um cenário oposto ao das pesquisas anteriores? Visto que nas áreas onde a concentração é alta, existe toda uma estrutura facilitando a vida cotidiana desses imigrantes e suas famílias, como são por exemplo as próprias escolas brasileiras. Naturalmente, esse aspecto não é importante para os imigrantes que não constituem famílias. Contudo, o que acontece com os descendentes de japoneses, que migram com as famílias ou que passam a constituir famílias dentro do Japão nas áreas onde não se tem o acesso fácil à escola brasileira? Sobretudo, daqueles que possuem a intenção de regressar para o Brasil? Como é que a migração de “retorno” afeta ou repercute no contexto familiar, na identidade e no transnacionalismo desses nipo-brasileiros?

Um outro aspecto divergente e particular entre esta e as outras pesquisas, que ocorreram de forma intensiva, num espaço de tempo de uns meses a um ano, é o fato de os resultados desse trabalho cobrirem aspectos das vidas dessas famílias de imigrantes, num espaço de tempo de sete anos.

Dentro dessa abordagem, a contribuição desse trabalho é em mostrar resultados que ilustrem os elementos culturais e históricos, que influenciam a construção da identidade e do transnacionalismo dos migrantes envolvidos no “retorno”, e que, sobretudo, façam jus às vidas dos imigrantes da primeira e segunda geração, que vivem fora de um enclave étnico.

Desse modo tem-se os seguintes objetivos. Antes de mais nada, procurar compreender melhor quem são os migrantes e quais são as suas motivações no “retorno”. Em seguida, buscar compreender quais são as forças centrípetas e centrífugas que prolongam ou não a migração dentro do contexto familiar. Cabe também analisar como o “retorno” afeta a construção da identidade, e de que forma o transnacionalismo ocorre ou não dentro da estrutura familiar de duas gerações de imigrantes.

Metodologia

Quanto ao método de trabalho de campo tem-se uma pesquisa etnográfica. Tal método é essencial, se o objetivo da pesquisa for estudar e analisar, em profundidade, a cultura de um determinado grupo social ou minoria étnica (Merriam, 2002: 7), e a maneira como ela se desenvolve no espaço geográfico onde se encontra. Os casos etnográficos refletem os acontecimentos num contexto holístico (Swanborn, 2008: 26) no qual se busca informações subjetivas, que esclareçam *como e por quê* determinadas escolhas são feitas na vida cotidiana

dos informantes (Yin, 2012: 5) assim como os costumes, valores e atitudes que reflitam a cultura e a maneira de como um “grupo” de pessoas interpreta a realidade (Swanborn, 1994: 347-348). Tem-se assim um estudo de *casos múltiplos*. A escolha de *casos múltiplos* tem em vista a validade desse tipo de pesquisa, dado que o estudo de caso é um típico exemplo de pesquisa qualitativa (Baarda, 2010: 40) e etnográfica (Merriam, 2002: 8). Como nesse tipo de estudo, as construções culturais são o objeto do estudo, ao invés das entidades culturais, o contexto histórico torna-se essencial para que se compreenda o significado atual, e como essas construções culturais tomaram forma (Olwig e Hastrup, 1997: 9). Em virtude desse aspecto, tem-se um estudo amplo do quadro histórico, de como o processo da migração e integração dos japoneses ocorreu no Brasil para se compreender o fenômeno atual da migração de “retorno”, da identidade assim como do transnacionalismo dos nipo-brasileiros, estudado no capítulo 2 de forma detalhada.

Os resultados da prática nesta pesquisa são provenientes das três fases empíricas conduzidas entre os anos de 2003 a 2005, e da última etapa em 2010. Os resultados são provenientes do quadro fixo com onze famílias, que corresponde a ($N=30$) informantes fixos no decorrer dos sete anos, embora sejam quarenta e nove o total dos membros. Ao todo, essa é uma pesquisa qualitativa, de profundidade, a longo prazo, onde se estuda *como e por quê*, determinadas escolhas são feitas, com relação à decisão de migrar, à família, à identidade, o trabalho, o ensino, e à permanência ou não no Japão. Os múltiplos estudos de casos foram possíveis em virtude do fato do quadro fixo ter-se mantido quase intacto,¹³ com exceção de uma família e alguns membros da terceira geração¹⁴ das outras famílias, que regressaram para o Brasil até 2008. Os resultados da última etapa com os informantes fixos foram através do

¹³ A migração interna entre os imigrantes nipo-brasileiros é um fato constante nas entrevistas e no trabalho de campo. Por essa razão pedi o auxílio de um *tantōsha* (representante, nesse caso de uma empreiteira) para saber mais ou menos quantas famílias poderia encontrar em Kandatsu, com características fixas. Segundo os dados das fontes (*tantōsha*) poder-se-ia encontrar no início de abril de 2003 aproximadamente umas 50 famílias de nipo-brasileiros que correspondiam ao critério estabelecido para participar do quadro da pesquisa. Esse cenário foi confirmado no início de abril nos dois estabelecimentos de produtos brasileiros da época. A dificuldade era em se poder afirmar se essas famílias continuariam realmente lá por alguns anos. Isso porque o número de imigrantes oscila frequentemente, mesmo dentro de um mês, dado que os nipo-brasileiros migram facilmente de uma área para outra no Japão, de acordo com a oferta de trabalho, sobretudo, pelo fato de alguns serviços em determinadas áreas pagarem mais por hora de trabalho do que outras. Por essa razão é comum os *tantōsha* receberem telefonemas de nipo-brasileiros de outras regiões perguntando se a vaga na fábrica ainda não foi preenchida. Assim, eles são geralmente as pessoas que possuem os dados mais atualizados dos imigrantes nas áreas em que são responsáveis. Apesar de terem inúmeros casos de imigrantes que se mudam, largando o serviço onde estão, sem mesmo avisar os empregadores, ou *tantōsha*. De qualquer forma, esse aspecto dentro da migração interna dificulta o trabalho a longo prazo.

¹⁴ Os avós não foram um fator constante na pesquisa e portanto não foram incluídos na maior parte dos estudos de casos, como se descreve nos capítulos 3 e 4.

contato por telefone, Skype e/ou correio eletrônico. Esses últimos resultados inseridos na pesquisa são provenientes das mudanças concretas ocorridas com esses informantes, desde a última pesquisa de campo.

Tem-se também como contraponto nessa pesquisa um experimento, no qual foram conduzidas duas enquetes: uma em português com a participação de ($N=140$) nipo-brasileiros e ($N=36$) entrevistas qualitativas avulsas. Outra enquete em japonês com a participação de ($N=56$) japoneses e com ($N=13$) entrevistas qualitativas estruturadas. Essas entrevistas qualitativas complementam as informações dos informantes fixos ($N=30$) que permaneceram em Kandatsu.¹⁵ Além disso, foram conduzidas também entrevistas qualitativas ($N=2$) no jornal *International Press*, ($N=2$) no Banco do Brasil e ($N=2$) com professores japoneses numa escola de japonês para estrangeiros.

São em total ($N=66$) informantes nipo-brasileiros, que participam do quadro das entrevistas qualitativas. Neste total estão incluídos os estudos de casos e todas as entrevistas avulsas conduzidas nas três pesquisas de campo. Há também ($N=13$) entrevistas qualitativas estruturadas conduzidas com japoneses. Utiliza-se na pesquisa qualitativa as técnicas de entrevistas semiestruturadas e face a face por combinarem perguntas abertas e fechadas, uma vez que essas técnicas favorecem a inclusão de perguntas, quando se necessita elucidar algum aspecto mencionado ou não pelo informante.¹⁶ De forma geral, ao se comparar o quadro de entrevistas qualitativas conduzidas nessa pesquisa com a dos outros estudiosos da literatura acadêmica utilizada (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c e Maeda, 2007) pode-se afirmar que se tem neste trabalho um quadro mais amplo de informantes.¹⁷

¹⁵ Como é por exemplo o caso das mães que optam pela creche brasileira em Kandatsu, dado que entre as famílias dos informantes fixos, nenhuma delas faz uso dessa opção, como é o caso das três famílias que enviaram os filhos para o Brasil. Cada novo entrevistado selecionado é importante para se poder formar um quadro heterogêneo da amostragem dos imigrantes para se ter a probabilidade de se descobrir novos fatos e acontecimentos.

¹⁶ No Anexo seguem os formatos das entrevistas e das explicações dos métodos aplicados no trabalho de campo.

¹⁷ Ao se comparar os dados das entrevistas conduzidas nessa pesquisa com a dos outros estudiosos da literatura utilizada (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c e Maeda, 2007) tem-se o seguinte quadro. Linger (2001: 7) conduziu uma pesquisa de observação participante e qualitativa com ($N=9$) informantes centrais no decorrer de um ano no Japão. Roth (2002) não apresenta um quadro específico do número de entrevistas qualitativas obtidas no Japão, quando trabalhou numa fábrica japonesa para fazer a pesquisa de observação participante. Tsuda (2003c: 14) também trabalhou numa fábrica japonesa para observar os nipo-brasileiros. No seu caso, a sua pesquisa tem um total de ($N=47$) entrevistas qualitativas conduzidas em Ōizumi/Ota, Kawazaki e em uma área industrial perto de Tóquio. Maeda (2007: 91) tem um quadro com ($N=8$) entrevistas qualitativas com nipo-brasileiros e ($N=10$) japoneses. A sua pesquisa quantitativa consta de um total de ($N=80$) enquetes conduzidas com nipo-brasileiros e ($N=75$) com japoneses.

Simultaneamente, um outro foco nesse estudo é a pesquisa de observação participante. De forma geral essa técnica de coleta de dados é empregada dentro do quadro do estudo exploratório (Schreuder Peters, 2002: 68). Essa combinação é de imprescindível valor, pelo fato de se poder compreender melhor determinadas informações sobre o informante, ao transmiti-la para o pesquisador. Considera-se aqui também como importante a expressão corporal, o silêncio, e as pausas que se tem numa entrevista. É também no decorrer da pesquisa de observação participante, que se constata algumas situações contraditórias, inconscientes ou não, nas falas dos informantes. Essas situações são ilustradas na parte do estudo de caso dos capítulos 3 e 4. Por último, ressalta-se que embora tenha grande liberdade de escrever sobre essas famílias no meu trabalho, a sua privacidade é de imprescindível importância. Desse modo, todos os informantes receberam pseudônimos.

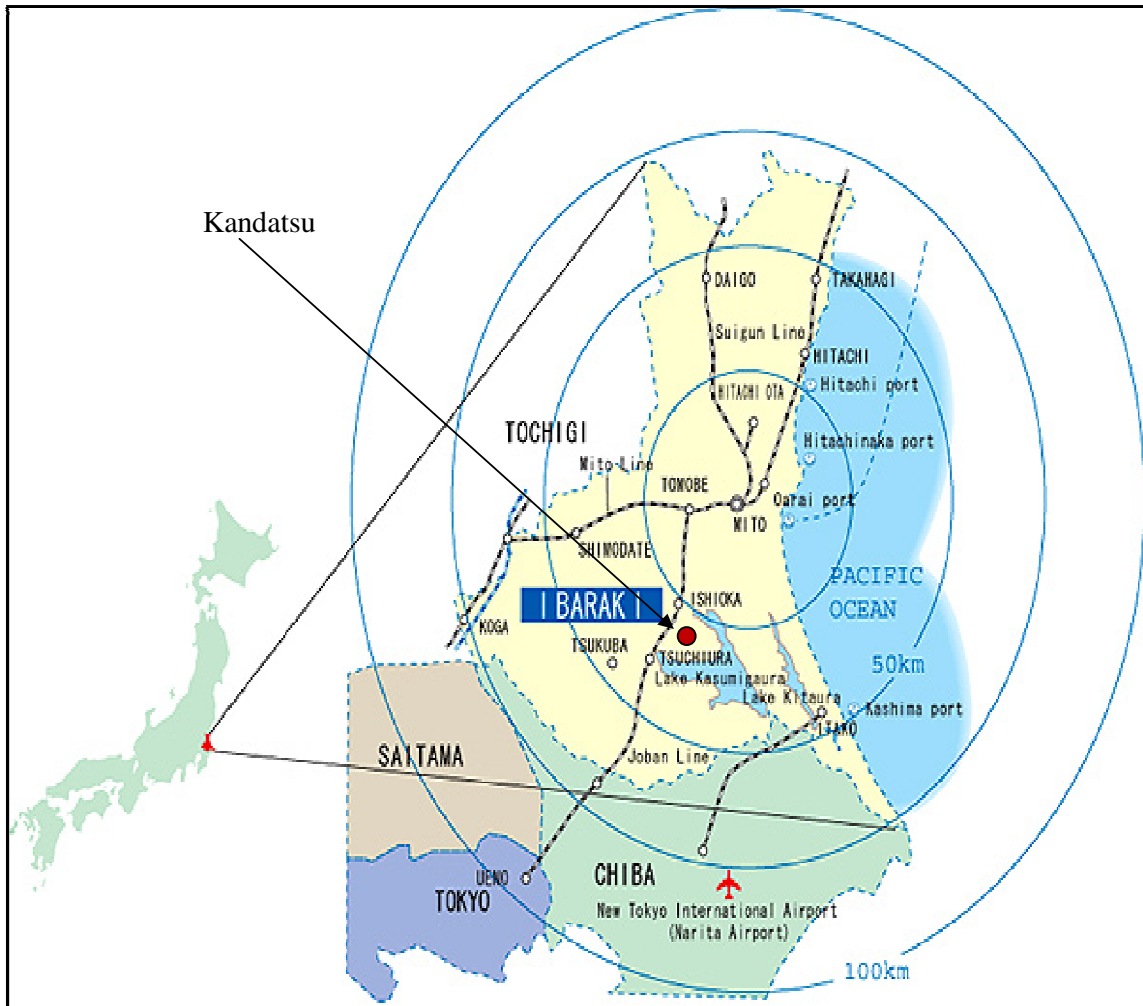
A fidedignidade, validade na pesquisa e limitações

Nessa pesquisa o acompanhamento desses informantes implica também na confiança que eles têm perante o trabalho da pesquisadora. O processo de se poder apresentar o que o informante quer passar como mensagem para a pesquisadora, sem que a mesma se deixe influenciar na transmissão da mensagem pelas suas próprias ideias é de imprescindível valor numa pesquisa (Bernard, 2002: 348), pois como se sabe a pesquisadora, direta ou indiretamente, influencia no processo de como algo é projetado, marcando assim a subjetividade nesse tipo de entrevista qualitativa. O esforço de se compreender através das entrevistas as experiências de vida dividida com a pesquisadora foi, portanto, registrado também na pesquisa de observação participante, na qual a reprodução do que se via, ouvia é transmitida neste livro com a maior precisão possível, acentuando o lado objetivo da pesquisa. A fidedignidade e a validade dos resultados obtidos dependem da imparcialidade e, sobretudo, da objetividade do pesquisador.

Compreende-se que nem todas as informações obtidas nessas três pesquisas empíricas são inteiramente reaplicáveis, uma vez que na troca de informações se estabelece uma determinada relação, mesmo que seja de informante e pesquisadora.

Por último, segue o mapa da área, onde a pesquisa foi conduzida no Japão.

Figura 2: Mapa de Ibaraki e localização da cidade de Kandatsu.



Fonte: <http://www.pref.ibaraki.jp/bukyoku/seikan/kokuko/en/introduction/profile.htm>

A terminologia em torno dos descendentes de japoneses no Brasil

Existe atualmente uma ampla terminologia para identificar os nipo-brasileiros. Por essa razão é fundamental analisar o quadro histórico da migração japonesa para o Brasil a fim de se compreender a discussão em torno da problemática de como se deve identificar os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.¹⁸

Em primeiro lugar, o termo nipo-brasileiro é utilizado para distinguir que a pessoa em discussão é descendente de japoneses, nascida no Brasil. Por outro lado, no Brasil, os descendentes de japoneses, são identificados como sendo “japoneses”. Na linguagem popular da língua portuguesa não existe diferença na designação referente ao habitante do Japão, nascido naquele território, e do descendente de japonês, nascido no território brasileiro, ou seja, em ambos os casos, as pessoas em discussão são denominadas como “japoneses” (Lesser, 2007: XIX). Essa situação, porém, não é exclusiva do Brasil. Para ser mais específica, cito um outro exemplo concreto, que é o caso da Holanda. Nesse país, os descendentes de marroquinos e turcos são denominados na linguagem popular, como, respectivamente, marroquinos e turcos, embora esses dois grupos insiram gerações nascidas e crescidas na Holanda com a nacionalidade holandesa.

A terminologia no Japão

No trabalho de Maeda (2007) constata-se a utilização do termo *gaikokujin* (estrangeiro) de forma generalizada, omitindo assim as nuances e gradações do que representa ser estrangeiro no Japão.¹⁹

¹⁸ Esse debate é apresentado no quadro histórico (capítulo 2) deste livro.

¹⁹ É o caso dos coreanos e chineses, que migraram forçados como mão de obra para o Japão até a metade do século XX (Yamawaki *et al.*, 2003: 38-39) e que são denominados pelo termo *Zainichi*, o que significa literalmente “residentes”. Um outro termo é *oldtimers* (Weiner, 2009: xix) ou *special permanent residents* (Liu-Farrer *et al.*, 2009: 135; Weiner e Chapman, 2009: 182). Atualmente, em se tratando principalmente do grupo étnico dos coreanos no Japão, é importante mencionar que a maior parte desses coreanos não nasceu na Coreia, e também não fala o idioma coreano. Esses coreanos são os descendentes dos imigrantes coreanos que migraram para o Japão, durante os 35 anos de ocupação japonesa da Coreia (1910-1945). Assim, através das diferentes denominações, distingue-se os coreanos e chineses que migraram para o Japão num período mais recente, ou seja, pós-guerra 1945. No caso dos coreanos, apesar dos descendentes desses imigrantes terem nascido no Japão, assimilado a cultura japonesa, vivendo assim há várias gerações nesse país, isso não implica a mudança de status de *permanência especial*. Eles continuam sendo estrangeiros. Porém, uma parte desse grupo está se naturalizando como japonês, o que implica na perda da nacionalidade coreana e na mudança de nome (Weiner e Chapman, 2009: 174). Por outro lado, é importante compreender que o discurso da identidade japonesa interpreta raça, etnicidade e cultura como sendo os elementos que compõem juntos a *unidade* do discurso da “homogeneidade” que forma a identidade japonesa (Hogan, 2009: 34-54; Lie, 2003: 82-83; Weiner, 2009: xv). A

No Japão, categoriza-se como *naichijin* as pessoas provenientes do território japonês e *gaichijin* as pessoas provenientes de outros territórios, como os coreanos, e taiwaneses (Yamawaki *et al.*, 2003: 39; Weiner, 2009: xviii). Outra forma utilizada para identificar as comunidades chinesas e coreanas é o termo *oldtimers* (Weiner, 2009: xvii). Além disso, utiliza-se também para os coreanos o termo *zainichi* para identificar os imigrantes coreanos que entraram no Japão sob o regime imperialista entre 1910 e 1945 (Weiner, Chapman *et al.*, 2009: 162). De acordo com os trabalhos acadêmicos dos japoneses, compreende-se que os imigrantes que chegaram a partir da segunda metade da década de 1980 também são denominados em japonês como *shinrai* ou *nyūkama*, ou seja, imigrantes recém-chegados (Shimizu e Shimizu, 2001, Shimizu, 2006; Tsuneyoshi, 2010). Esse termo também é utilizado para os imigrantes *nikkei* no Japão.

Pode-se afirmar, então, que essas diferenças nas interpretações do que é ser estrangeiro no Japão refletem o fato do termo *gaikokujin* (estrangeiro) não ser utilizado da mesma forma em que se utiliza o termo “estrangeiro” no ocidente. Esse contexto mostra também as diversas graduações de como as identidades são definidas e percebidas no Japão. De acordo com Lie, o termo *gaikokujin* (estrangeiro) ou *gaijin* (estrangeiro no sentido pejorativo) são utilizados no Japão após a Segunda Guerra Mundial para se referir aos estrangeiros ocidentais, de cor branca, provenientes da Europa e dos Estados Unidos (Lie *et al.*, 2003: 75).

Apesar disso, constata-se na prática, que o termo *gaijin* também é utilizado para designar os nipo-brasileiros. Um outro termo empregado para identificá-los é *nikkeijin*. *Nikkeijin* é o termo utilizado no Japão para todos os japoneses e seus descendentes que vivem fora do Japão. Segundo Roth (2002:23) neste termo não estão incluídos os estudantes que fazem intercâmbio, turistas, e pessoas que estão a negócios no exterior por um determinado período. Além disso, em japonês utiliza-se a combinação do termo *nikkei burajirujin* quando se trata especificamente dos nipo-brasileiros. Roth também descreve literalmente através da tradução e interpretação dos ideogramas ou *kanji*, o significado literário do termo *nikkeijin*, o qual é escrito com três ideogramas chineses, significando respectivamente “sol-linha / afiliação-pessoa”. Ao analisar esse termo lê-se o primeiro ideograma ou *kanji* como “sol”, o qual se refere neste caso ao Japão. *Nihon* ou *nippon* significa literalmente o país do sol nascente. Segundo a mitologia japonesa, a família imperial do Japão é descendente direta de

geração chinesa mais recente no Japão é denominada como “*new overseas Chinese*”, ou seja, pela sua identidade chinesa (Liu-Farrer, 2009: 134-135).

Amaterasu, a deusa do sol (*ibid.*). Portanto a tradução da palavra *nikkeijin* exprime na sua conjunção de termos a afiliação nacional que esses descendentes possuem com o povo japonês (*ibid.*). Sendo assim, *nikkei burajirujin* significa *nikkei* brasileiro do Brasil.

Aliás, há também o termo japonês *dekasegi* e *dekasegi-gata*²⁰ o qual tem sido muito associado ao nipo-brasileiro nesses últimos 30 anos, a saber, tanto no Japão quanto no Brasil. De acordo com a percepção do autor Kazuo Ōkōchi (1952) *dekasegi-gata* é utilizado para descrever no seu livro dois tipos de movimentos de trabalhadores no Japão. De um lado, Ōkōchi descreve um movimento composto somente por mulheres jovens, as quais antigamente saíam do interior para trabalhar em fábricas, a fim de que pudessem ajudar no sustento da família. Esse movimento migratório era temporário, e participavam somente mulheres jovens e solteiras. Além disso, Ōkōchi cita um outro tipo de movimento na época, o qual era composto somente por homens. Segundo o autor, a migração dos homens ocorria pela falta de perspectiva de trabalho no interior do Japão, onde havia excesso de mão de obra. Por essa razão os homens procuravam sair ou abandonar o interior, a fim de que pudessem encontrar trabalho nas cidades. Em ambos movimentos lê-se como característica importante o fato de serem movimentos temporários, nos quais trabalhadores se locomoviam de uma região para outra, por razões econômicas. Esse estudo realizado por Ōkōchi (1952) corresponde à história do movimento de trabalhadores no Japão na primeira metade do século XX, onde Ōkōchi descreve a sua percepção do termo *dekasegi* e *dekasegi-gata*, de como ele interpreta e utiliza esse termo no Japão.

Atualmente, evidencia-se a utilização do termo *dekasegi* de uma maneira mais ampla e popular. Esse termo japonês é empregado de uma maneira generalizada para descrever o movimento dos descendentes de japoneses, que partem para o Japão, com o objetivo de trabalhar e acumular dinheiro, por um período de tempo considerado temporário.

Em suma, vários termos são utilizados para identificar os nipo-brasileiros tanto no Japão quanto no Brasil, mostrando assim a complexidade e diversidade de como esses imigrantes são identificados. Durante o trabalho empírico também fui confrontada com algumas outras variações em terminologia, utilizadas pelos próprios nipo-brasileiros durante as entrevistas.

²⁰ Neste livro todos os termos japoneses serão escritos segundo as regras da escrita do idioma japonês. Desse modo, não escrevo o termo *dekassegui*, como seria escrito no Brasil em português, mas *dekasegi*. Os substantivos do idioma japonês não apresentam diferença de número e gênero. Por isso, não escrevo, por exemplo: *niseis*, porque isso seria incorreto em japonês. *Dekasegi* ou *Dekasegi-gata* é o termo japonês utilizado para a migração temporária da mão de obra, que se locomove de uma região para outra no Japão. O termo *gata* significa pessoas, por essa razão, lê-se, as pessoas que fazem parte dessa forma temporária de migração.

Essas identificações variam de brasileiro, japonês, mas também *haafu* (mestiço).²¹ Um outro aspecto importante é a identificação com o próprio termo brasileiro. Isso porque existem entre os entrevistados várias percepções sobre esse termo. Para alguns deles os outros brasileiros sem a descendência japonesa são diferentes, levando-os a identificar os outros brasileiros, como “realmente brasileiro”, “brasileiro mesmo” ou “brasileiro de verdade”. Essa divisão no significado do termo brasileiro também foi constatada no trabalho de Tsuda (2003c: 50), porém com outra variação. Para muitos a descoberta de que eles são “brasileiros” e não “japoneses”, como eram no Brasil, foi feita através da experiência no Japão, quando os japoneses os identificaram dessa maneira. Tal realidade é oposta à realidade que tinham no Brasil, onde eles são considerados “japoneses” perante aos outros “brasileiros”. Entretanto, alguns dos entrevistados contam através das suas experiências no Japão que em determinadas situações, eles também passam a ter várias identidades, e por essa razão, também mencionam serem vistos como “japoneses” no Japão. Tal fato contraria o cenário que nesse país a identidade cultural dos nipo-brasileiros ficou esclarecida como sendo a de “brasileiro”. Evidencia-se uma realidade complexa, ao lado de uma grande diversidade de termos utilizados para expressar que esses descendentes de japoneses, nascidos no Brasil, possuem uma afiliação nacional ligada ao Japão. Dentro desse amplo cenário origina-se, portanto, a legítima pergunta da questão da identidade desses descendentes de japoneses que migram legalmente desde 1990 para a terra dos seus antepassados por terem vínculos sanguíneos

Considerando esse contexto amplo de terminologias e discussões, esclareço que no meu livro para evitar a ambiguidade na terminologia, utilizo neste estudo o termo nipo-brasileiro para referir-me aos informantes nipo-brasileiros, e a todos aqueles que possuem a descendência japonesa, e nasceram no Brasil, independente da geração japonesa que possuem. Ao incluir no trabalho aspectos que compreendem também os nipo-peruanos, ou outros descendentes de japoneses nascidos no além-mar, utilizo o termo *nikkei*.

Uma vez que se está estabelecido como se lida com essas terminologias e debates, resta esclarecer a motivação do pesquisador neste estudo. De acordo com Merriam (2002: 11), “... a research study begins with you being curious about something and that “something” is usually related to your work, family, your community or yourself.” Contudo, noto que não é simples definir a motivação neste trabalho, uma vez que está vinculada à construção das

²¹ “*haafu*” (ハーフ) é a palavra japonesa originada da palavra inglesa *half*, a qual é utilizada para designar que a pessoa em discussão é descendente de japonês e de um outro grupos étnico, ou seja, mestiço.

diferentes afiliações da minha própria identidade. No meu caso a história da minha vida está interligada à motivação acadêmica, e intrínseca por ser uma imigrante de “retorno” na terra dos antepassados.

Assim, sou nascida no Brasil, onde cresci e morei até os meus 20 anos de idade. De acordo com a legislação do Brasil, sou brasileira. Por outro lado, assim como muitos brasileiros, sou descendente de segunda geração, no meu caso, de pai holandês e mãe belga. Como muitos outros filhos de imigrantes no Brasil na década de 1990, eu também migrei, ou “retornei” para a terra dos meus ancestrais em 1992, onde literalmente nunca *pus os meus pés antes*. Na Holanda a lei vigente é a do *jus sanguinis*, portanto, sou considerada no país como holandesa.

Foi através dessa experiência de “retorno”, e da reflexão de como a minha identidade passou a ser construída, que o meu interesse, sobretudo, acadêmico pelo fenômeno migratório do “retorno” e da identidade passou a me intrigar, por ter atravessado, como outras milhões de pessoas, o oceano no sentido inverso que os meus pais fizeram no passado.

Contudo, a escolha de querer estudar e pesquisar sobre a migração de “retorno” dos nipo-brasileiros se reflete nos meus vínculos de amizade, que tenho desde criança, com algumas famílias japonesas e nipo-brasileiras em Belém, no Brasil. Através dessas amizades passei inconscientemente a acompanhar continuamente inúmeras atividades da comunidade japonesa de Belém do Pará, apesar de não ser descendente de japoneses. Assim, por eventualidade ou não, passei a estudar desde os meus quatorze anos de idade o idioma japonês na escolinha japonesa de Coqueiro (*Nichigo gakkō*), formando-me anos após em Cultura e Língua Japonesa pela Universidade de Leiden na Holanda.

Sem dúvida, a minha motivação inclui e reflete esses vínculos de amizade com os descendentes de japoneses, que existem desde a minha infância. Também é algo intrínseco na minha identidade, por ser filha de imigrantes, sentindo assim uma afinidade com esse tema por compartilhar de uma experiência de vida que é “retornar”, por alguma razão, para a terra dos antepassados.

Como descendente de segunda geração, o “retorno” para a Holanda também definiu e construiu a minha identidade atual, a qual não é baseada num passado histórico-cultural fixo e único. Mesmo no meu caso, não posso definir a minha identidade apenas como sendo brasileira por ter nascido e crescido no Brasil. Também não posso defini-la só como holandesa, por morar na Holanda há 20 anos, e falar o idioma holandês e ter o pai holandês.

Considerando a minha experiência de imigrante de segunda geração, tomo esse aspecto como ponto de reflexão e inspiração, para estudar *como* a migração de “retorno” interfere e constrói a identidade das pessoas envolvidas nesse fenômeno. No meu caso, noto como a bagagem cultural tanto do Brasil como da Holanda constituem e constroem a minha identidade, única, identificando-me assim, pela pessoa que sou.

Por último, considero imprescindível para a condução deste trabalho empírico no Japão, o conhecimento do idioma japonês e português (Bernard, 2002: 348) e o conhecimento cultural de como a identidade japonesa dos nipo-brasileiros é atribuída e construída no Brasil. Em virtude desse aspecto, tem-se também um estudo literário do quadro histórico, de como o processo da migração e integração dos japoneses ocorreu no Brasil. Essa perspectiva histórica é imprescindível neste trabalho para que se possa compreender o fenômeno atual da migração de “retorno”, da identidade e do transnacionalismo dos nipo-brasileiros.

A estrutura do livro

Esse livro está dividido em quatro capítulos. Na exposição do primeiro capítulo apresenta-se o quadro teórico sobre o debate em torno do fenômeno do movimento migratório que se compreende como “retorno”. Dentro desse contexto analisa-se as teorias e publicações acadêmicas em torno das motivações (1.1) dos migrantes dentro desse fenômeno migratório, que se denomina como “retorno” (1.2), visto que desafia o princípio do paradigma dicotômico de emigração e imigração, por tratar como “retorno” os imigrantes da segunda e terceira geração, que na maioria dos casos, nunca puseram antes os pés no país para onde migraram. Ao lado também a teoria do transnacionalismo (1.3) visto que os imigrantes constroem suas vidas em um outro contexto, mas mantêm práticas que se estendem além das fronteiras geográficas do país para onde migraram. Por último, tem-se o debate em torno da construção da identidade (1.4) e identidade cultural (1.5) uma vez que o discurso nesta pesquisa envolve o “retorno” de imigrantes que possuem valores culturais que não se refletem numa única cultura.

No capítulo 2 tem-se a revisão do quadro histórico da emigração japonesa para o Brasil e do processo da integração e assimilação desses imigrantes e seus descendentes. O cenário em torno da motivação da emigração japonesa para o Brasil (2.1), como a fase inicial da migração no Brasil (2.2) ocorreu sendo seguida pela fase da transição das políticas de governos, que modificam e caracterizam um segundo período migratório no Brasil (2.3). Em seguida,

aborda-se a época em que a migração foi interrompida (2.4) e a repercussão da política de governo no Brasil na época para os japoneses e descendentes no Brasil. Com o reinício da migração japonesa para o Brasil (2.5) aborda-se também a construção da identidade dos nipo-brasileiros (2.6) nos últimos trinta anos e como esse processo se desenvolveu no Brasil. Esse último quadro ilustra o contrassenso de como a identidade japonesa foi construída no Brasil numa retrospectiva histórica. Esse cenário serve de base para o fenômeno da migração de “retorno” dos descendentes de japoneses da segunda e terceira geração para o Japão (2.7), e de como esse quadro se constrói nos dois países envolvidos no fenômeno migratório, o qual constitui a base para a investigação nesta pesquisa.

O capítulo 3 está dividido nos seguintes pontos. Primeiramente trata-se sobre a motivação (3.1) dos imigrantes envolvidos no “retorno”, como esse processo se desenvolve, fornecendo informações sobre o contexto que possibilita essa migração, assim como informações sobre a formação escolar dos imigrantes; em seguida, apresenta-se o quadro em torno do questionamento da identidade (3.2) de como os imigrantes constroem o contrassenso da identidade brasileira ou japonesa através da bagagem cultural em diferentes situações. Nas análises seguintes apresenta-se as estruturas de apoio (3.3) as experiências no trabalho (3.4) e o quadro sobre a influência da crise nesses imigrantes (3.5).

No capítulo 4 tem-se como foco as questões familiares em torno da segunda geração de imigrantes. Inicia-se essa parte através das análises sobre as experiências sobre as escolhas dos parceiros (4.1) e do aumento da família com o nascimento dos filhos. De acordo com a realidade com a qual as famílias de imigrantes se deparam, constata-se diferentes percepções em torno da orientação do futuro da segunda geração de imigrantes (4.2), as quais refletem as preferências e os papéis dos pais dentro de suas unidades. De acordo com as diferentes opções de criação, tem-se também as redefinições dos objetivos iniciais de quando migraram para o Japão. O impacto das opções torna-se visível nas famílias, principalmente, quando optam pelo ensino escolar público japonês (4.3). As experiências dos filhos revelam como o paradoxo em torno da identidade se constrói na segunda geração, em diferentes casos. Essas experiências mostram como os filhos, nos diferentes estudos de casos, interpretam a identidade no Japão. Ademais, evidencia-se das análises no trabalho de campo, uma quarta opção em torno da educação da segunda geração de imigrantes, fortalecendo um contexto transnacional na migração de “retorno”. E por último, reconstrói-se a migração de “retorno” através da análise

das práticas que configuram o transnacionalismo (4.4) e como esse fenômeno ocorre nessas famílias.

Nos capítulos 3 e 4 mostra-se a importância que essas famílias de imigrantes atribuem à vida que eles têm como imigrantes dentro do fenômeno migratório do “retorno” no Japão, e como o debate da identidade e do transnacionalismo se formam nas escolhas dos pais, as quais se refletem e interagem na redefinição dos projetos familiares e na extensão da estada temporária ou no enraizamento das famílias no Japão.

Na conclusão, tenta-se responder às indagações deste estudo tendo como base os resultados da pesquisa no Japão. Aborda-se, também, as limitações e implicações da pesquisa. Por último, seguem a bibliografia, o glossário e os anexos.